

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE IBITINGA – FAIBI**

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

**Laura Gabriela de Souza Soares de Moraes
Síria Iziquiele de Oliveira Silva**

**O *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO DO
PROGRAMA PSICÓLOGOS NA EDUCAÇÃO**

IBITINGA/SP

2023

Laura Gabriela de Souza Soares de Moraes
Síria Iziquiele de Oliveira Silva

**O *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO DO
PROGRAMA PSICÓLOGOS NA EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ibitinga, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maristela Gallo.

IBITINGA/SP
2023

Morais, Laura Gabriela de Souza Soares de

M828b O Bullying no ambiente escolar: A atuação do programa psicólogos na educação / Laura Gabriela de Souza Soares de
Morais, Síria Iziquiele de Oliveira Silva – Ibitinga, 2023.
63 p.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura - Pedagogia)
– Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga.
Orientadora: Maristela Gallo

1. Bullying. 2. Violência. 3. Educação. 4. Psicólogos. I. Título.

CDD 370.15

Ficha catalográfica elaborada por Mayara Nunes

Bibliotecária - CRB-8/10461

Biblioteca Prof. Dr. Alberto Tosi Rodrigues da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga
Ibitinga/SP

Laura Gabriela de Souza Soares de Moraes

Síria Iziquiele de Oliveira Silva

**O *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR: A ATUAÇÃO DO
PROGRAMA PSICÓLOGOS NA EDUCAÇÃO**

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ibitinga, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: / /2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a. Maristela Gallo

Prof.^a Ma. Maria Inês Miqueleto

Prof.^a Ma. Daniela Gonçalves dos Santos Campos

**IBITINGA/SP
2023**

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a sua realização, sejam familiares, orientador, ou toda a equipe de colaboradores da Faibi.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus por ter nos ajudado a chegar até aqui, a concluir mais uma etapa de nossas vidas.

À Prof.^a Maristela Gallo por ter aceitado ser nossa orientadora e realizado esse papel com clareza, compromisso, paciência e competência, tornando possível a realização deste trabalho.

Às professoras Maria Inês Miqueleto e Daniela Gonçalves dos Santos Campos, que aceitaram fazer parte da nossa banca examinadora.

Aos colegas de classe, que estiveram conosco nesse período muito importante, trocando informações, conhecimentos, experiências, risadas, comprometimento e seriedade, quando foi preciso. Sucesso a todos.

A toda a equipe da FAIBI, por estarem sempre dispostos a nos dar atenção e suporte em todos os anos e por nos proporcionar a oportunidade para que possamos crescer profissionalmente.

A todos, cujos nome não estão explícitos aqui, mas que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

Gratidão!

“O *bullying* não é uma brincadeira, é uma forma cruel de abuso. Todos nós temos a responsabilidade de pôr fim a isso”.

Barack Obama.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado trata sobre a importância da atuação de psicólogos no ambiente escolar para combater o *bullying*, um problema que pode gerar graves consequências para os estudantes. Apresentamos um panorama da educação no Brasil pós-pandemia, destacando os desafios enfrentados por professores e alunos, bem como as medidas adotadas pelo governo estadual para minimizar os impactos da pandemia na educação. Discutimos a diferença entre *bullying* e indisciplina, para que fosse feita uma distinção clara entre os dois conceitos. Apresentamos o *bullying* no ambiente escolar, as causas, os efeitos e seus atores. Apresentamos programas de combate ao *bullying* que têm sido adotados em escolas, com destaque para a importância da atuação de psicólogos no processo de prevenção e intervenção. Utilizamos a metodologia bibliográfica na elaboração da monografia, destacando as fontes de pesquisa e os critérios de seleção de material. É importante ressaltar que o *bullying* é um comportamento agressivo e intencional, que pode causar danos psicológicos e físicos à vítima. Por fim, apresentamos as considerações a respeito do programa “Psicólogos na Educação”, destacando a importância desses profissionais no ambiente escolar para combater o *bullying* e promover um ambiente de aprendizagem saudável e seguro para todos os alunos.

Palavras-Chave: *Bullying*. Violência. Educação. Psicólogos.

ABSTRACT

The work presented here deals with the importance of the work of psychologists in the school environment to combat *bullying*, a problem that can generate serious consequences for students. An overview of education in post-pandemic Brazil is presented, highlighting the challenges faced by teachers and students, as well as the measures adopted by the state government to minimize the impacts of the pandemic on education. We discussed the difference between *bullying* and indiscipline so that a clear distinction could be made between the two concepts. We present *bullying* in the school environment, the causes, the effects, and their actors. We present programs to combat *bullying* that has been adopted in schools, highlighting the importance of the role of psychologists in the process of prevention and intervention. We used the bibliographic methodology in the elaboration of the monograph, highlighting the sources of research and the criteria for selecting material. It is important to note that *bullying* is an aggressive and intentional behavior, which can cause psychological and physical damage to the victim. Finally, we present the considerations regarding the "Psychologists in Education" program, highlighting the importance of these professionals in the school environment to combat bullying and promote a healthy and safe learning environment for all students.

Key words: *Bullying*. Violence. Education. Psychologists.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Efeitos do <i>Bullying</i>	35
QUADRO 2 – Cardápio do Programa Psicólogos da Educação	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CONVIVA-SP – Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

MEC – Ministério da Educação

MMCE – Método de Melhoria da Convivência Escolar

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SEDUC – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

SPEC – Sistema de Proteção Escolar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EDUCAÇÃO NO BRASIL PÓS-PANDEMIA	13
1.1 EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19	15
2 INDISCIPLINA OU BULLYING.....	19
2.1 CONCEITO DE <i>BULLYING</i>	23
3 BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR	28
3.1 TIPOS DE <i>BULLYING</i>	28
3.2 FATORES PREDISPOANTES INDIVIDUAIS E CONTEXTUAIS	30
3.3 CARACTERÍSTICAS DE QUEM SOFRE <i>BULLYING</i> (A VÍTIMA)	31
3.4 CARACTERÍSTICAS DE QUEM PRÁTICA O <i>BULLYING</i> (O AGRESSOR)	33
3.5 CARACTERÍSTICAS DOS ESPECTADORES DO <i>BULLYING</i>	34
3.6 EFEITOS DO <i>BULLYING</i>	34
4 PROGRAMAS DE COMBATE AO BULLYING	37
4.1 “PROGRAMA EDUCAR PARA A PAZ”	38
4.2 “ <i>BULLYING</i> : AQUI NÃO!”	40
4.3 “UNIDOS NO COMBATE À PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> – JORNAL, LITERATURA, COMUNIDADE E CIDADANIA”	40
4.4 “NO LUGAR ONDE EU VIVO HÁ PEQUENAS ALEGRIAS E TUDO VIRA POESIA...”	41
4.5 “PENSO, LOGO RESPEITO”	41
4.6 “PROGRAMA DE MELHORIA DA CONVIVÊNCIA E PROTEÇÃO ESCOLAR – CONVIVA-SP”	42
4.6.1 Psicólogos na Educação	45
5 METODOLOGIA CIENTÍFICA	50
5.1 DESCRIÇÃO DAS ESCOLAS	51
5.2 RESULTADOS DA PESQUISA	52
5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RESULTADO DA PESQUISA	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	62
ANEXO A	63

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vamos nos aprofundar no tema *bullying* e no programa "Psicólogos na Educação" no combate ao *bullying* nas escolas, observando a eficácia dessa iniciativa e sua contribuição para a promoção de um ambiente escolar mais saudável e seguro para todos os envolvidos.

A escolha do tema ocorreu devido a sua atualidade e, no decorrer do trabalho, tornou-se ainda mais notório por vários acontecimentos no Brasil, de ataques de alunos que alegaram ter sofrido *bullying* na escola.

O problema de pesquisa relacionou-se aos efeitos do *bullying* no ambiente escolar e ao funcionamento do programa "Psicólogos na Educação", bem como sua contribuição para a convivência no ambiente escolar.

O objetivo desta pesquisa centrou-se em entender mais sobre o *bullying* no ambiente escolar e em observar como o programa "Psicólogos na Educação" auxiliou ou não na superação dos efeitos do *bullying* no ambiente escolar. Para atingir esse objetivo, utilizamo-nos de um questionário aberto aplicado em três escolas da cidade de Ibitinga que fizeram uso do programa.

No primeiro capítulo, falamos da Educação no Brasil. A Educação é considerada um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento de qualquer nação, pois é ela que permite a formação de cidadãos críticos, participativos e engajados na sociedade. Na última década, o Brasil tem enfrentado diversos desafios na área da Educação, como a falta de investimentos, problemas na formação e gestão dos professores, altos índices de evasão escolar e a crescente violência dentro e fora das escolas.

Também tratamos da pandemia da Covid-19, que teve início no ano de 2020 e agravou ainda mais a situação da Educação no país. Com o fechamento das escolas e a necessidade de migrar para o ensino remoto, muitos professores e alunos enfrentaram dificuldades para adaptar-se a essa nova forma de ensino. Além disso, alguns alunos não tinham acesso aos recursos digitais necessários para acompanhar as aulas, aumentando ainda mais a desigualdade no acesso à Educação de qualidade. Diante desse cenário, é fundamental refletir sobre as mudanças que a pandemia trouxe para o Sistema Educacional Brasileiro.

No segundo capítulo, tratamos da distinção entre indisciplina e *bullying*. A indisciplina é caracterizada como comportamentos inadequados que desrespeitem às regras, normas e limites estabelecidos pela escola. Já o *bullying* é um comportamento perverso que busca humilhar, agredir ou intimidar uma pessoa de forma constante e repetitiva. É uma forma de violência e discriminação que pode originar consequências graves na saúde física e mental do estudante.

O *bullying* é um problema que pode ocorrer em diferentes tipos de instituições: escolas, universidades ou até mesmo locais de trabalho, contudo, o ambiente escolar é o local em que ocorre com maior frequência. Esse tema foi abordado no terceiro capítulo, aprofundando o tema do *bullying* no ambiente escolar e seu impacto negativo no bem-estar dos estudantes e na qualidade da aprendizagem. As vítimas de *bullying* podem enfrentar diversos problemas: queda do rendimento escolar, ansiedade, depressão, isolamento social e até mesmo a ideação e/ou tentativa de suicídio.

Alguns programas de combate ao *bullying* foram abordados no quarto capítulo. Tais programas têm sido desenvolvidos em diversas escolas brasileiras, visando à conscientização dos estudantes, educadores e famílias para a importância da promoção de um ambiente escolar saudável e seguro, além de estimular a denúncia de casos de violência e discriminação.

No decorrer da pesquisa, fizemos contato com uma escola e indagamos sobre a forma de lidar com os casos de *bullying* e sua prevenção, foi quando tomamos conhecimento da existência do programa "Psicólogos na Educação", que vinha se destacando como uma importante iniciativa de enfrentamento ao *bullying* no ambiente escolar.

O quinto capítulo abordou a metodologia utilizada para desenvolver este trabalho, a qual se constituiu de uma revisão bibliográfica, com a análise de artigos, livros e monografias relacionados aos temas afins. No referido capítulo, também apresentamos os resultados encontrados a partir da aplicação de um questionário aberto sobre o tema, em três escolas do município de Ibatinga.

A expectativa é de que ao final deste estudo seja possível refletir sobre a realidade da Educação no Brasil pós-pandemia, bem como compreender a relevância da atuação dos profissionais de Psicologia na Educação para prevenir e lidar com casos de *bullying* dentro das instituições de ensino, contribuindo, assim, para a promoção de uma sociedade mais justa, respeitosa e democrática.

1 EDUCAÇÃO NO BRASIL PÓS-PANDEMIA

Por ser o *bullying* um problema que ocorre frequentemente nas escolas, é necessário compreender as reações do aluno frente a essa situação. Para isso, será abordada a situação da Educação no Brasil e como ela vem reagindo pós-pandemia da Covid-19, e também o funcionamento das escolas no país, abordando a metodologia predominante, o ensino tradicional.

Até a década de 50, o Brasil possuía um tipo de estrutura escolar que era muito voltada para a reflexão do pensamento, então nós tínhamos literatura, nós tínhamos filosofia, a arte, a formação era ampla, era uma formação aberta, questionadora e reflexiva, mas era uma escola elitista, era uma escola voltada para poucos, era uma escola que se dedicava a formar lideranças (MOSÉ, 2013).¹

Para a mesma autora, as escolas de massas, cuja característica é o ensino segmentado, como a produção em uma fábrica, surgem no Brasil com o desenvolvimento industrial, que exigia dos cidadãos o mínimo de Educação, que era ler e escrever para que ingressassem nesse mercado de trabalho.

Os problemas educacionais no Brasil têm fundo institucional. Como exemplo, temos a questão do direito à Educação pública, laica e gratuita. Ele surgiu com a primeira Constituição Republicana de 1891, mas foi somente com a Constituição de 1988 que foi amplamente garantido a todos o direito à Educação gratuita e financiada pelo Estado (TREZZI, 2021, p. 5).

Como é possível perceber, a Educação para todos consta de um avanço recente, e o modelo de ensino predominante foi o ensino tradicional. Foram quase cem anos, de 1891 a 1988, para que a Educação começasse a se desenvolver para atender a todos.

¹ Transcrição da autora Mosé disponível na plataforma *Youtube*. O que a escola deveria aprender antes de ensinar?

Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com professor razoavelmente bem-preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente (SAVIANI, 2000, p. 6).

O conhecimento era transmitido ao aluno, sem que ele pudesse dar sua palavra sobre, ou argumentar, questionar. Além das listas de exercícios, os alunos deviam ser disciplinados, no caso, seguir as normas da escola, características marcantes do ensino tradicional.

[...], mas se a escola que é um espaço isolado, fragmentado, voltado para a disciplina, com uma hierarquia absurda onde o aluno deve respeitar o professor, mas o professor não tem responsabilidade de respeitar o aluno, como esse aluno vai aprender cidadania, ética (MOSE, 2013).²

É Vasconcellos (1998, p. 76) quem diz que “Ter respeito para com os alunos é uma das necessidades da postura de um educador consciente. Deve também exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo”.

A escola tradicional – que sofreu inúmeras transformações ao longo de sua existência e que, paradoxalmente, continua resistindo ao tempo – dia a dia, vem sendo questionada sobre sua adequação aos padrões de ensino exigidos pela atualidade, mas ao mesmo tempo é retentora da grande maioria das escolas do nosso país (LEÃO, 1999, p. 188).

Desde sua implantação nas escolas, o ensino tradicional vem resistindo às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade em geral, as quais requerem uma nova metodologia de ensino que atenda a demanda do público atual.

Podemos questionar, no entanto, a qualidade do ensino da escola tradicional na atualidade. Constatamos, informalmente, que ela está empobrecida se

² Transcrição da autora Mosé disponível na plataforma *Youtube*. O que a escola deveria aprender antes de ensinar?

comparada às instituições existentes nas décadas passadas. Os conhecimentos não estão sendo transmitidos com o mesmo rigor daquela antiga escola tradicional que instruiu nossos pais e avós (LEÃO, 1999, p. 194).

Então, podemos perceber que, se no passado o ensino tradicional conseguia dar resultados, esse modelo hoje em dia não consegue manter o padrão do passado, e, por se tentar ainda utilizar dele, as aulas ficaram empobrecidas. Esse comentário não é uma afirmação de que o ensino tradicional deve persistir, mas que deveriam ser encontradas novas metodologias para os novos alunos.

1.1 EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

A pandemia da Covid-19 só mostrou o quanto o sistema de ensino brasileiro estava despreparado, e os problemas acarretados por ela não ocorreram somente no aprendizado dos alunos, mas também no aspecto emocional, não só dos estudantes, mas de todos os brasileiros.

“Normalmente, uma situação que já é ruim tende a se agravar quando aparece o inesperado. No caso atual, a pandemia de Covid-19 fez com que a realidade fosse repensada em âmbito mundial” (TREZZI, 2021, p. 2).

Na fase de surgimento da endemia, o novo corona vírus que surgiu com epicentro na cidade chinesa de Wuhan, muito rapidamente se difunde para outras localidades, o que exigiu da autoridade chinesa a adoção de medidas de isolamento social, inclusive com *lockdown* em determinadas cidades, o que repercutiu no fechamento das unidades educacionais em determinadas localidades do país e posteriormente em todo o país (SENHORAS, 2020, p. 130).

“Diante desse contexto, a sociedade civil precisou se (re)organizar para evitar uma tragédia em massa tendo em vista o alto risco de contágio e a ausência de estudos mais precisos sobre esse novo vírus” (NASCIMENTO, 2021, p. 13).

O distanciamento e o consequente fechamento das escolas expôs um conjunto importante de contradições de classe que não poderiam deixar de se manifestar no ambiente escolar como a contribuição para o risco à segurança alimentar de alunos em condições socioeconômicas vulneráveis, aumento dos problemas relativos à saúde mental das crianças e adolescentes, além de nenhum ou precário acesso à internet e aparelhos tecnológicos que permitam minimamente a efetivação das atividades escolares ou acompanhamento de aulas online (NASCIMENTO, 2021, p. 13 – 14).

“[...] as escolas foram obrigadas a migrar suas aulas para formatos on-line, em atividades síncronas e assíncronas e numa perspectiva de ensino remoto” (LOPES; VIEIRA, 2020, p. 201).

O processo educacional escolar abrange a apropriação da leitura, escrita e letramento, que representa uma temática ainda complexa nas séries iniciais das escolas brasileiras, considerando os diferentes fatores, internos e externos, os quais influenciam na aprendizagem dos educandos. Essa complexidade se amplifica e toma contornos de uma epopeia trágica quando o contexto social da educação é o de uma pandemia, que impõe o distanciamento social, como a atual situação causada pela Covid-19 (JULIANO, 2021, p. 17).

Para o mesmo autor “Ademais, os educadores também foram confrontados com incertezas quanto ao próprio conhecimento tecnológico de que dispunham, bem como acerca das mudanças em sua função e atuação enquanto professores [...]”

[...] a pandemia da COVID-19 criou amplas repercussões negativas nos diferentes Sistemas Nacionais de Educação que tendem a reproduzir um ciclo vicioso de desigualdades, o qual transborda de modo preocupante uma latente ampliação de assimetrias previamente existentes entre classes sociais, regiões e localidades, nos desempenhos dos setores público e privado ou ainda na efetividade educacional nos diferentes níveis de ensino (SENHORAS, 2020, p. 135).

Trezzi (2021, p. 06) afirma que “Se por um lado a pandemia fortaleceu a desigualdade, por outro lado tornou mais patente quais são os pontos fracos da educação brasileira e mostrou caminhos para sair da crise”.

Se algumas soluções foram encontradas para a manutenção do vínculo de estudantes com a instituição de ensino, seus professores e colegas, de outro lado verificaram-se dificuldades ponderáveis: o estudo e aprendizagem de conteúdos curriculares novos em modo de isolamento, com apoios delimitados pela situação remota, dificuldades de atenção e concentração, o estresse de alunos pela situação do isolamento, por excesso de conteúdos emitidos ou de tempo dedicado diante de tela de computador ou outro aparelho digital, trocas relativizadas pelo esforço comunicativo demandado, falta do calor dos laços presenciais, entre outras situações, o estresse dos professores pela exigência rápida de novas performances, de preparação de aulas virtuais demandando mudanças em perspectivas didáticas, esforço de manejo técnico de instrumentos não habituais em sua rotina de trabalho (GATTI, 2020, p. 33).

Para a autora acima “O retorno dos contatos sociais escolares, ao mesmo tempo que se apresenta como um desejo, também gera certo grau de insegurança e medos. Isso tem que ser considerado”. As pessoas que voltaram às suas vidas normais após a pandemia estão tendo que se acostumar novamente com as interações sociais. “Períodos de pandemias são tempos de incertezas, angústias, perdas e medo [...]” (VALENCIO, 2021, p. 53).

Com o fechamento das escolas houve também aumento da violência contra as crianças, perda nas interações sociais e aumento da insegurança alimentar, provocada pela falta da merenda escolar, que em muitos casos se tratava da única refeição completa disponibilizada para as crianças no dia, causando grandes impactos no desenvolvimento dos estudantes, tanto no aprendizado, como na proteção e na interação social deste momento, marcado principalmente pela vulnerabilidade social, além da violência doméstica, luto real por conta da COVID-19 e de outras doenças (LIMA; GUIMARÃES, 2022, p. 7).

As escolas receberam os alunos que passaram por diversos tipos de situações devido ao confinamento na pandemia, crianças que passaram pelo luto, violências domésticas, falta de alimento etc. E foi perceptível a insegurança dessas crianças no retorno das aulas presenciais. “[...] Por se tratar da principal atividade da grande maioria dos jovens, a falta da escola afetou significativamente as relações de sociabilidade e as rotinas diárias por um longo período” (VAZQUEZ, *et.al*, 2021, p. 4).

Daí o preparo psicológico dos vários grupos envolvidos com a escolarização, criando abertura para trocas, conversas, sobre como se sentiram com as novas ações que lhes foram exigidas no período de isolamento: uso de redes, de mídias diversas, as novas propostas, as facilidades, necessidades ou dificuldades que perceberam, aprendizagens diversas, ganhos que avaliam que tiveram ou não (GATTI, 2020, p. 35).

Lima e Guimarães (2022, p. 8) destacam que deve ser levado em consideração tudo que a criança passou, “não só perdas na aprendizagem, como também perdas humanas, muitas famílias perderam seus entes queridos, passaram por problemas financeiros, dentre outros aspectos”.

Após compreendermos sobre a estruturação da Educação no país e os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre ela, serão aprofundados o *bullying* e a indisciplina, fenômenos recorrentes nas escolas, possíveis de serem confundidos. No entanto, são temas distintos, que podem ser entendidos como fenômenos decorrentes dessa estrutura educacional ou podem ocorrer independentemente dela.

2 INDISCIPLINA OU *BULLYING*

Indisciplina e *bullying* são temas distintos e podem ser ocasionados pela metodologia de ensino aplicada no Brasil. É o que pretendemos discutir neste capítulo.

A pandemia da Covid-19 acentuou problemas de violência, não apenas no ambiente escolar, mas na sociedade em geral. Diante disso, buscou-se entender os diferentes modos de violência existentes, que podem ocorrer, e os prejuízos que essa violência pode trazer à convivência no ambiente escolar. Conceitos como *bullying* e indisciplina serão aprofundados adiante para entender se e como podem prejudicar nessa convivência.

A indisciplina é tratada não somente no âmbito escolar. Para Boarini (2013, p. 128):

A indisciplina ou mesmo a subversão (saindo do âmbito escolar) podem ter outras conotações dependendo do período histórico que se vive. Explicando melhor: quem diria que o nosso benemérito educador Paulo Freire foi durante a vigência do regime militar no Brasil considerado subversivo? Ou, em outros termos, indisciplinado em relação às normas vigentes? Quando se indispôs com as arbitrariedades que vinham ocorrendo no Brasil a partir do golpe militar de 1964, Paulo Freire foi considerado subversivo (ou indisciplinado), o que o obrigou a se exilar, durante algum tempo, em outros países [...].

Diante do exposto, a visão do que é indisciplina vai depender do período histórico em que é vivido. Se não forem seguidas as normas vigentes, serão taxados de subversivos, indisciplinados, mesmo que não concordemos com essas normas.

Indisciplina na escola é somente o reflexo do momento social vivido, ela ocorre também fora das escolas, entre os adultos, não é algo específico de um lugar, está em todos os lugares (TAILLE, 2013).

Vasconcellos (1998, p.55) destaca que “As causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: Sociedade, Família, Escola, Professor e Aluno”, e Vasconcellos frisa que esses aspectos estão entrelaçados e não devem ser analisados separadamente.

Para Antunes (2002, p. 9 -10 *sic*) uma classe indisciplinada seria aquela que:

- não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno;
- não ofereça condições para que os professores possam “acordar” em seus alunos sua potencialidade como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania;
- não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceita em seus alunos.

No entanto, o mesmo autor destaca que “Em nenhum momento da definição apareceu a palavra “silêncio” ou a sugestão à quietude dos alunos” (ANTUNES, 2002, p. 10).

Barreto e Neto (2018, p. 4) afirmam que “a indisciplina e a violência na escola são fenômenos sociais e, conseqüentemente, escolares, que devem ser estudados a partir das interações e não apenas considerados como consequência de deformação ou desvio dos alunos”.

A primeira representação dos professores, a destacar, refere-se à indisciplina escolar como sendo um modo de comportamento exercido pelo aluno. Segundo essa representação, a indisciplina seria uma forma inadequada, indesejável ou discrepante de comportamento de alunos. Sob tal perspectiva, a indisciplina seria algo relativo ao aluno – ao qual, neste caso, seria atribuído o papel de fonte principal de possíveis problemas disciplinares no ambiente de sala de aula (GARCIA, 2009, p. 316).

Rzewuski (2012, p. 5 *sic*) nos diz que “[...] A indisciplina sempre existiu, mas a opressão que o professor exercia sobre seus alunos – na “educação de antigamente” -, era maior que a existente na atualidade, e o aluno, que estava sendo formado eram muito diferentes do atual”.

Garcia (2009, p. 313) destaca que:

[...] Se a escola deseja proporcionar o desenvolvimento da autonomia, precisa rever suas noções e práticas de disciplina. O quanto a escola tem conseguido realizar, e pretende avançar nas próximas décadas, com uma disciplina baseada em mecanismos de controle social? Parece-nos que o

avanço na democratização, nas práticas pedagógicas e nas próprias tecnologias digitais que hoje se apresentam nas escolas tendem a colocar em questão diversos mecanismos de controle social tradicionalmente exercidos pelos professores. Mas as mudanças nas visões sobre disciplina não ocorrem sem resistências, recuos e muito debate.

Vinha (2013) afirma que indisciplina “[...] é a ruptura do contrato social da aprendizagem, uma relação que é pedagógica”³, ou seja, podem ser consideradas como indisciplina atitudes do aluno que atrapalhem o professor de exercer seu trabalho, que seria ensinar.

Já Boarini (2013, p. 124) destaca que “a indisciplina escolar é um fenômeno sem nacionalidade, endereço ou classe social”, ou seja, independente se o estudante é de escola pública ou privada e que “o comportamento disciplinado não pode ser entendido como comportamento padronizado, rígido. Pelo contrário, a disciplina exclusivamente “regulamentadora” pode impedir a criatividade”.

Em um ambiente onde não há compreensão, diálogo amor e socialização familiar; com certeza tem-se um sentimento de revolta, e desgosto e uma criança que nasce em um lar desequilibrado; onde não existe a afetividade familiar, logicamente, sentirá rejeitado pela vida, o desanimado, e a tendência será descontentar, em tudo e todos a sua revolta (RZEWSKI, 2012, p. 04).

Diante o sentimento de revolta, esse aluno acaba gerando transtornos na escola e em sala de aula, descumprindo regras e até mesmo desafiando aos professores agressivamente (RZEWSKI, 2012).

Para o mesmo autor:

[...] muitos comportamentos apresentados pelos alunos durante as aulas – agressões físicas e verbais, vandalismo, entre outros - não seriam indisciplina escolar, mas violência devendo, portanto, ser abordados com formas diferentes. Nesse domínio a violência escolar também é conhecida como bullying, é um problema social que vem preocupando os profissionais das

³ Transcrição da autora Vinha disponível na plataforma *Youtube*. Como combater a indisciplina e as incivildades?

áreas de conhecimento da saúde e educação, chegando a despertar o interesse dos estudos da Psicologia Social (RZEWSKI, 2012, p. 5).

Pimenta e Louzada (2012, p. 27) afirmam que a indisciplina não é exclusiva ao aluno rebelde: “mas deve ser interpretada como algo que não está funcionando bem. Podendo ser fatores relacionados à família, ao professor, à organização da escola e à motivação do aluno”.

Amado (2012, p. 02), nos diz que “Quando falamos em indisciplina na escola, em geral estamos a falar dos desvios e infrações às normas e regras que regulam a vida na aula e em todo o espaço escolar”. O mesmo autor separa a indisciplina em três níveis e explica que:

Um primeiro nível contempla as infracções à regra de trabalho e produção, centradas, em geral, no contexto da sala de aula[...]. Um segundo nível de indisciplina põe em causa o que os regulamentos e as normas culturais estabelecem para as relações entre os próprios alunos; isto é, desconsidera a exigência de respeito mútuo entre pares, e outros valores, como a amizade, a solidariedade, a colaboração. O terceiro nível de indisciplina traduz-se no confronto com a pessoa e autoridade do professor, e com a autoridade em geral, no quadro da escola, manifestando-se em insultos, obscenidades, desobediência, contestação afrontosa, réplica desabrida a chamadas de atenção e castigos, abrangendo, também, a manifestação de alguma agressividade contra docentes (e outros funcionários) e o vandalismo contra a propriedade dos mesmos e da escola (AMADO, 2012, p. 03).

Se o professor de alguma forma conseguir desenvolver atividades motivadoras com os alunos, problemas com a indisciplina serão menos frequentes, pois o aluno motivado terá interesse em concluir as atividades propostas e não irá sobrar tempo para indisciplina (ECCHELI, 2008). Então, aqui percebemos que o ensino tradicional pode influenciar na questão da indisciplina na escola, por não proporcionar aos alunos atividades motivadoras e nem interessantes diante da realidade em que vivemos.

Por sua vez, trata-se a indisciplina como a resistência da escola ao novo sujeito histórico, se mostrando incapaz de ministrar as novas formas de existência social, ou seja, a mudança de perfil do seu aluno, a qual também é discutida por Aquino (1996).

Martins (2015) afirma que a indisciplina, a agressão e o *bullying* são comportamentos distintos, a indisciplina seria a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem entre o professor e o aluno, a agressão é definida pelo ato intencional que gera dano físico ou psicológico ao outro e o *bullying* é definido como um comportamento agressivo, pelo qual o mais forte, sozinho ou em grupo, abusa repetidamente de uma vítima mais fraca.

Ora, não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente à estruturação escolar e às circunstâncias sócio-históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente didático-pedagógico (AQUINO, 1996, p. 48 *sic*).

Independente dos problemas de indisciplina de cunho psicológico e moral, a saída está na relação professor/aluno, na criação de um vínculo entre eles. O professor tem que ter preparo e conhecimento para intervir caso o aluno não tenha esses valores (AQUINO, 1996).

Ainda para Aquino (1996), o diálogo é essencial e será necessária também uma negociação constante, e, para que essa negociação ocorra, é preciso, primeiramente, o investimento nos vínculos concretos, deixando de lado os modelos de alunos ideais e olhando para a sua realidade. Soma-se ainda a fidelidade ao contrato pedagógico, cujas cláusulas ambos devem ter claras, se necessário, lê-las todos os dias. O professor também deve ter permeabilidade para a mudança e para a invenção, deve se reinventar, utilizando-se de novas estratégias e experimentações.

2.1 CONCEITO DE *BULLYING*

No início da década de 1970, o interesse pelo fenômeno *bullying* aumentou devido aos problemas que estavam surgindo. Teve início na Suécia e se estendeu para outros países escandinavos. Devido ao suicídio de jovens que sofriam *bullying* na Noruega em 1982, o Ministério da Educação da Noruega iniciou uma campanha

contra os problemas causados entre os agressores e as vítimas do *bullying* (FANTE, 2005).

Dr. Dan Olweus⁴ em 1981 havia proposto uma lei contra o *bullying* nas escolas, no entanto, foi somente em 1990 que surgiu uma legislação contra o *bullying* na Suécia e na Noruega (FELIZARDO, 2017).

Olweus desenvolveu seu programa de prevenção fundamentado em uma pesquisa que envolveu aproximadamente 2.500 estudantes, com idades de 10 e 15 anos, em 42 escolas de Bergen na Noruega. Os efeitos do programa foram avaliados durante dois anos e meio, com resultados satisfatórios – redução do *bullying* em 50%; redução acentuada de vandalismo, brigas, roubo e evasão escolar, com claras melhorias no clima social da sala de aula, na ordem e na disciplina; relações sociais com atitudes mais positivas e aumento da satisfação dos estudantes nas escolas da Noruega (FELIZARDO, 2017, p. 25).

Os primeiros estudos sobre o *bullying* no Brasil iniciaram somente no ano 2000, quando o Dr. Lauro Monteiro, médico pediatra, teve conhecimento de trabalhos realizados sobre agressividade entre estudantes, publicados em instituições em Londres e Paris, e conseguiu ter acesso as essas informações, trazendo-as ao país (FELIZARDO, 2017).

Felizardo (2017, p. 28) afirma ainda que a sociedade brasileira começou a divulgar mais sobre o tema “[...] em 2009, quando a mídia divulgou intensamente o

⁴ Dan Olweus, professor de psicologia, afiliado com o Centro de Pesquisa de Promoção da Saúde (HEMIL) da Universidade de Bergen, na Noruega, foi envolvido no trabalho de pesquisa e de intervenção na área do *bullying*. Na década de 1980, o Dr. Olweus realizou o primeiro estudo sistemático de intervenção contra o *bullying* no mundo, que documentou uma série de efeitos bastante positivos do que hoje é o Programa de Prevenção Olweus *Bullying* (OBPP). Ele também foi o primeiro a estudar o problema do *bullying* de alunos pelos professores. Dr. Olweus é geralmente reconhecido como um pioneiro e fundador da pesquisa sobre problemas de *bullying* e como especialista líder mundial nesta área, tanto pela comunidade científica e pela sociedade em geral. Seu livro "*Bullying na Escola: O Que Sabemos e o Que Podemos Fazer*" já foi traduzido para 15 línguas diferentes. Dr. Olweus recebeu uma série de prêmios e reconhecimentos por seu trabalho de pesquisa e de intervenção, incluindo as "distintas contribuições para Políticas Públicas para Crianças" prêmio pela Sociedade de Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (SRCD). Ele tem sido um membro do Centro de Estudos Avançados em Ciências do Comportamento (CASBS), em Stanford, Califórnia (LINHARES, 2012).

fenômeno e pesquisadores passaram a divulgar suas produções em sites, cursos, palestras, programas antibullying, pesquisas científicas e livros”.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen na Noruega, definiu critérios básicos para diferenciar violências e brincadeiras das condutas de *bullying* (CALHAU *apud* OLWEUS, 2009).

“Os critérios estabelecidos são: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques” (CALHAU *apud* OLWEUS, 2009, p. 7).

Tognetta (2019) diz que o *bullying*:

[...] não é um fenômeno da pós-modernidade, ele sempre existiu, mas ele é um fenômeno potencializado pela pós-modernidade e principalmente pela rapidez das informações que a gente tem hoje das relações virtuais o movimento dessas informações e pela necessidade que os nossos adolescentes e nossas crianças têm tido de experiências de escolas que estejam de fato de acordo com aquilo que eles precisam hoje e não escolas que sejam para meninos de 40 anos atrás.⁵

Ainda segundo Tognetta (2019) “os problemas advindos de situações de *bullying* estão presentes em qualquer escola, qualquer instituição que ensina desde a educação infantil até o ensino superior em qualquer lugar do mundo”.⁶

Em contrapartida, Medeiros (2012, p. 108) afirma que:

A banalização e o descaso, se não especificarmos de maneira urgente o uso do termo e o limitarmos ao ambiente escolar, será não só inevitável como

⁵ Transcrição da autora Tognetta disponível na plataforma Youtube. O *bullying* e a saúde mental dos jovens.

⁶ Transcrição da autora Tognetta disponível na plataforma Youtube. O *bullying* e a saúde mental dos jovens.

também a causa mortis de todos os esforços desprendidos para evitar as ocorrências do fenômeno *bullying* e de minimizar suas consequências.

Já o conceito de *bullying*, de acordo com Neto (2013, p. 21), é definido como o “conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de uma pessoa ou grupos sobre outra pessoa ou grupos, subjugados pela força dos primeiros”, afirma ainda que:

Bullying é uma palavra inglesa que identifica praticamente todos esses maus comportamentos, não havendo termo equivalente para o português. *Bully* é traduzido como brigão, valentão, tirano, como verbo, significa tyrannizar, oprimir, amedrontar, ameaçar, intimidar, maltratar (NETO, 2013, p. 21).

Calhau (2009, p. 23) nos diz que “O *bullying* é comum nas escolas, e, por ocorrer com vítimas crianças e adolescentes, possui maior visibilidade, mas existe em outros ambientes também, como o profissional, esportivo, religioso, militar etc.”.

Fante (2005, p. 27) define o termo *bullying* como:

Bullying uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Crianças praticantes do *bullying* se tornam adultos, e surgem assim pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos que acabam por prejudicar a saúde física e mental de suas vítimas. Dessa forma, vemos ocorrer o *bullying* no ambiente de trabalho, na escola, no trânsito, em qualquer lugar (SILVA, 2009).

O *bullying* acontece entre pares, entre aqueles que estão no mesmo patamar ou na mesma hierarquia institucional, ou seja, entre irmão e irmão independentemente da idade dos mesmos, de aluno a aluno e professor a professor (TOGNETTA, 2019).

Diante dos conceitos abordados, observamos que a indisciplina e o *bullying* são temas distintos e existem diferentes interpretações, como de Martins (2015) que estabelece a diferenciação desses conceitos. A indisciplina seria a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem entre o professor e o aluno e o *bullying* é definido como um comportamento agressivo, em que o mais forte, sozinho ou em grupo, abusa repetidamente de uma vítima mais fraca.

Já Amado (2012) separa a indisciplina em três níveis que, se comparados às definições do termo *bullying*, os níveis dois e três se encaixariam no mesmo, pois há uma ruptura do respeito mútuo entre pares, insultos, manifestações de forma agressiva e vandalismos.

A indisciplina é influenciada pela metodologia de ensino predominante no nosso país, conforme apresentado acima pelos autores estudados, e ela pode ser vista de maneira diferente em cada momento na sociedade, o que hoje é visto como indisciplina amanhã pode não ser mais. Já o *bullying* sempre existiu, só se potencializou com o passar dos anos com a ampliação da educação para todos.

No próximo capítulo, aprofundaremos mais sobre o *bullying* e sua ocorrência no ambiente escolar.

3 BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Destacamos, neste capítulo, o *bullying* no ambiente escolar, seus tipos, fatores que predispõem a ser vítima, características das vítimas, os agressores e os efeitos ocasionados.

De acordo com Calhau (2009, p. 8), “O *bullying* pode ocorrer tanto na direção horizontal (entre pessoas do mesmo nível, como estudantes) quanto na direção vertical (entre pessoas de níveis diferente, como professores e alunos)”.

Segundo Ventura e Fante (2009, p. 43) “Embora gestores e professores admitam a existência de uma cultura de violência, pautando as relações dos estudantes entre si, as escolas não demonstraram estar preparadas para eliminar ou reduzir a ocorrência do *bullying*”.

Fante (2005, p. 44) nos mostra que:

O *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola. Apesar dos educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para o seu estudo sistemático até princípios da década de 1970.

Mesmo o *bullying* sendo um fenômeno antigo, o estudo aprofundado sobre o tema ocorreu somente na década de 70. No Brasil, os estudos foram iniciados nos anos 2000 e uma explicação para isso é que, somente na constituição de 1988, a educação foi expandida a todos e houve a construção de novas escolas para atender a grande demanda de alunos, consequentemente o *bullying* ganhou mais visibilidade.

3.1 TIPOS DE BULLYING

Para Silva (2009, p. 23-24), o *bullying* pode ser expresso de várias formas, geralmente os *bullies* não se limitam a apenas uma forma de maus-tratos às vítimas, o que corrobora com a exclusão social da mesma.

Silva (2009) diz que o *bullying* pode ser expresso de forma verbal, quando o indivíduo é insultado, ofendido, xingado, sofre gozações, recebe apelidos pejorativos e é caçoado. Trata também do *bullying* físico e material, em que o agressor bate, chuta, espanca, empurra, machuca, belisca, rouba, furta ou destrói os pertences da vítima e arremessa objetos contra as mesmas, ou seja, ações que trazem danos físicos e materiais.

O *bullying* psicológico acontece quando a vítima é ignorada, excluída, perseguida, amedrontada, intimidada, dominada, tiranizada, chantageada e manipulada, ou seja, toda ação que trará danos ao psicológico da vítima (NETO, 2013).

O *bullying* moral, segundo Neto (2013, p. 23), seria “difamar, disseminar rumores e caluniar”, em outras palavras seriam as fofocas que surgem nas escolas entre os alunos, mesmo sendo mentiras na maioria das vezes.

Silva (2009, p. 23-24) não separa o *bullying* psicológico e moral. De fato, os danos das ações são bem próximos, ela os define como:

Psicológico e moral: irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre meninas).

O *bullying* sexual seria o ato de abusar, violentar e assediar, podendo ocorrer entre meninos e meninas, meninos e meninos, sendo que uma mesma vítima pode sofrer os abusos por vários agressores ao mesmo tempo (SILVA, 2009).

Já o *cyberbullying* que seria outra forma de *bullying*, mas de forma virtual, no qual as ferramentas digitais, em especial os instrumentos de comunicação (celular, redes sociais etc.) são utilizados para propagar calúnias e difamações (SILVA, 2009).

Sobre os praticantes do *cyberbullying*, Calhau (2009, p. 39) nos diz que os mesmos “Abrem, dolorosamente, por exemplo, uma conta falsa (fake) no *Orkut*, *Msn*,

Facebook, MySpace etc. e passam a espalhar e-mails difamatórios contra as vítimas com grande prejuízo para sua honra e integridade moral”.

“Com as novas tecnologias, como a internet e os celulares, as vítimas podem sofrer ataques permanentes e serem expostas às humilhações ou difamações de forma global” (VENTURA, FANTE, 2011, p. 63).

3.2 FATORES PREDISPONENTES INDIVIDUAIS E CONTEXTUAIS

De acordo com Neto (2013), existem fatores predisponentes individuais e contextuais à ocorrência de *bullying*.

Tais fatores individuais são destacados em oito pontos, o primeiro seria o de Gênero (fala da diferença na prática de *bullying* entre meninos, meninas ou misto); o segundo ponto, seria a Idade (dependendo da faixa etária, observa-se a frequência e os tipos de agressões, geralmente quanto mais velhos, piores os atos de violência); o terceiro ponto, seria o Comportamento Exteriorizado (ações que fogem do controle, por serem caracterizadas por atitudes desafiadoras, agressivas, discordantes etc.); o quarto ponto seriam os Sintomas Internalizados (alterações menos explícitas, incluindo introversão, depressão, ansiedade, fobia etc.). Já o quinto ponto, seria a Competência Social, que é uma “avaliação global das habilidades sociais do indivíduo, que o tornam capaz de interagir efetivamente com os outros, e saber evitar ou inibir comportamentos socialmente inaceitáveis” (NETO, 2013, p. 38). O sexto ponto, seria a Autopercepção, ou seja, os pensamentos, conceitos e atitudes que o indivíduo tem sobre si (a autoestima, respeito próprio, autoimagem etc.). O sétimo ponto fala das Percepções Sobre os Outros que seriam pensamentos, conceitos e atitudes em relação aos outros e o oitavo ponto, seria pelo Desempenho Acadêmico (refere-se às avaliações feitas em nosso sistema de ensino tradicional).

Os fatores predisponentes contextuais para Neto (2013) seriam cinco: o primeiro fator, seria o Ambiente Doméstico/Familiar (ambiente familiar em constante conflito, relação de pais e filhos abalada, condições socioeconômicas, etc.); o segundo fator seria o Ambiente Escolar (que envolve a questão do respeito, o quanto esse aluno se sente parte da escola e também o tratamento qualitativo por parte dos professores e funcionários para com os estudantes); o terceiro fator seriam os Fatores

Comunitários (baseados nas características da comunidade e das regiões em que vivem os alunos, e também pelos indicadores socioeconômicos, de violência e de desenvolvimento humano). O quarto fator seria o Status Social que “[...] reflete a qualidade das relações entre as crianças e adolescentes com seus pares, observando-se o grau de rejeição, isolamento, popularidade, simpatia, empatia etc.” (NETO, 2013, p. 39). O quinto fator que Neto (2013, p. 39) destaca é o de Influência dos Pares que:

[...]refere-se ao impacto positivo ou negativo de seus colegas em relação à adaptação na escola, por exemplo, a aceitação dos identificados como fora dos padrões, as atividades pros sociais dos grupos e a valorização dos comportamentos adequados e inadequados.

É necessário, então, analisar os fatores individuais e contextuais para um melhor entendimento das condições que favorecem o *bullying* e suas consequências.

[...]. Portanto, a análise do impacto com base nas características individuais, sem considerar as influências externas, limita a percepção sobre o *bullying*, destacando as qualidades pessoais, em vez do caráter contextual que facilita a ocorrência desses incidentes (NETO, 2013, p. 39).

Para a análise dos casos de *bullying*, devem ser levados em conta todos os fatores expostos, pois, se observarmos somente os fatores predisponentes individuais, provavelmente não conseguiremos encontrar a solução para os mesmos, visto que o problema pode ter a raiz em um fator contextual.

3.3 CARACTERÍSTICAS DE QUEM SOFRE *BULLYING* (A VÍTIMA)

Geralmente, as vítimas são aquelas que pouco socializam, são tímidas e reservadas, não reagem aos comportamentos provocadores e agressivos.

Fisicamente também são mais frágeis, ou apresentam alguma marca que chame atenção, ou magras demais ou gordinhas, altas ou baixas demais, toda característica considerada diferente, fora de um padrão de determinado grupo, é o motivo para que essa pessoa seja escolhida como vítima do *bullying*. Além da típica vítima do *bullying*, Silva (2009, p. 40) também cita a vítima provocadora que:

Nesse grupo geralmente encontramos as crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. Sem perceberem as vítimas provocadoras acabam “dando tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos.

Ainda existem as vítimas agressoras que, por sua vez, reproduzem os maus tratos que sofrem escolhendo outras vítimas mais frágeis e vulneráveis para descontar seu sofrimento. Infelizmente esse efeito cascata fortalece a propagação do *bullying*, dificultando o seu controle (SILVA, 2009).

Neto (2013, p. 43) destaca que “Os estudantes do sexo feminino admitem ser vítimas, mais frequentemente, de apelidos e difamações (fofocas), enquanto, entre os de sexo masculino, as agressões físicas e ameaças surgem logo após os apelidos”.

Professores também podem ser vítimas de *bullying* como nos diz Calhau (2009, p. 26) “[...] os atuais alunos não estão habituados a respeitar limites, e isso já começa em casa, onde alguns pais não fazem a sua parte. As crianças fazem o que querem chegam à escola e reproduzem esses comportamentos”.

Nesse contexto, alguns alunos colocam apelidos desrespeitosos em professores, ficam conversando excessivamente e fazendo barulho nas aulas com o intuito de atrapalhar os trabalhos, espalham fofocas na escola tentando desestabilizar a situação do professor junto com a direção, somem com o giz e os pincéis atômicos (impedindo que uma aula seja realizada ou comece no horário), jogam giz nos professores, vaiam o professor, tudo arquitetado de forma insistente para impedir que o trabalho do professor possa ser realizado (CALHAU, 2009, p. 26-27).

Para o mesmo autor, ainda há professores que foram vítimas de abaixo-assinados sem motivos fundamentados, que os alunos apenas fazem por não gostarem dele. Essa é uma triste realidade de que nem mesmo o professor está livre.

3.4 CARACTERÍSTICAS DE QUEM PRATICA O *BULLYING* (O AGRESSOR)

O agressor pode ser de ambos os sexos, escolhe sempre uma vítima mais fraca e geralmente vem de uma família desestruturada onde há pouco ou nenhum relacionamento afetivo (FANTE, 2005).

[...] É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa a adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora da avaliação. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com as vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode parecer normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola (FANTE, 2005, p. 73).

Neto (2013, p. 47) diz que “[...] Esse personagem já pode ser identificado desde a educação infantil, a partir dos 3 anos de idade, por suas características agressivas”.

Silva (2009, p. 43) ainda destaca que:

[...] O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando ele está acompanhado de seus “seguidores”, seu poder de “destruição” ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas.

Além dos agressores típicos, existem também os agressores passivos ou seguidores, que participam das intimidações, mas não são os que as iniciam, geralmente acatam as ordens do agressor típico. No fundo, eles fazem isso para se sentirem protegidos, para não serem alvos de *bullying*, no entanto, acabam assumindo

a culpa no lugar do autor típico. Ainda existem as vítimas/agressoras que sofrem *bullying* e o cometem, e esse grupo representa 20% dos autores (NETO, 2013).

3.5 CARACTERÍSTICAS DOS ESPECTADORES DO *BULLYING*

A maioria das testemunhas não concordam com as agressões, no entanto preferem se calar, pois têm medo de que, ao protegerem a vítima, acabem se tornando os próximos alvos dos agressores (CALHAU, 2009).

Neto (2013, p. 53) destaca que os expectadores:

São estudantes que não se envolvem diretamente em atos de *bullying*, mas convivem em um ambiente onde o fenômeno ocorre e que, certamente, exerce influências sobre o seu desempenho escolar, sentimento de segurança e relacionamento social na escola.

Existem os espectadores passivos que, segundo Silva (2009, p. 46), “[...] ao presenciarem cenas de violência ou que trazem embaraços aos colegas, estão propensos a sofrer as consequências psíquicas, uma vez que suas estruturas psicológicas também são frágeis”.

Já os espectadores ativos são aqueles que não participam diretamente, no entanto, não são contra o ato e ainda dizem palavras de incentivo aos agressores, riem da situação, se divertem com o que veem.

Existem ainda os espectadores neutros que devido a questões socioculturais, por presenciarem a violência em seu cotidiano, acabam não demonstrando sensibilidade nenhuma diante de situações de *bullying* (SILVA, 2009).

3.6 EFEITOS DO *BULLYING*

Os efeitos causados pelo *bullying* muitas vezes podem ser devastadores para as vítimas e perniciosos para os agressores e espectadores. Muitas das vítimas se sentem até culpadas pelo *bullying* que sofreram (VENTURA; FANTE, 2011).

As crianças vítimas de *bullying* podem ter problemas relacionados à escola, como faltas frequentes ou abandono. Sentem-se sob risco e infelizes na maioria dos dias, afirmam não pertencer à escola. Alguns estudos referem associação entre sofrer *bullying* com o maior consumo de drogas (NETO, 2013, p. 46).

Neto (2013) ainda afirma que as vítimas podem apresentar dores de cabeça, dores abdominais, dificuldades para dormir, enurese noturna, depressão, ansiedade, absenteísmo escolar, recusa em ir à escola, queda da motivação e desempenho escolar, autoagressão, pensamentos e tentativas suicidas, perdas de bens materiais, solicitação de dinheiro, fome ao sair da escola, ferimentos ou marcas no corpo, roupas sujas e rasgadas etc.

Nesse sentido, percebemos como seria importante a atuação de psicólogos na escola, pois eles conseguiriam trabalhar sobre esses efeitos que o *bullying* pode causar e também poderiam auxiliar na ação sobre a prevenção do mesmo.

Ventura e Fante destacam os efeitos mais frequentes:

QUADRO 1: Efeitos do *bullying*

Baixa autoestima	Diminuição do rendimento escolar
Medo	Dores de cabeça ou de estomago
Pesadelos	Mudanças repentinas de humor
Isolamento social	Vômitos
Rejeição da escola	Enurese noturna
Insegurança	Falta de apetite
Ansiedade	Dificuldade para dormir
Dificuldade de relacionamento interpessoal	Hematomas ou cortes inexplicados
Dificuldade de concentração	Depressão
	Suicídio

Fonte: VENTURA; FANTE, C. *Bullying* Intimidação no Ambiente Escolar e Virtual. Belo Horizonte: Conexa Editora, 2011, p.30.

Às vezes, os pais na tentativa de proteger seus filhos acabam por limitá-los, tratando-os como bebês. Essas crianças crescem sem habilidades de defender-se ou

de enfrentar desafios, tornando-se infantis e sendo prejudicadas no relacionamento com as crianças da sua idade que são mais amadurecidas (NETO, 2013).

A vítima pode desenvolver sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, e também, casos menos frequentes de esquizofrenia, suicídio e homicídio (SILVA, 2009).

Ainda de acordo com Silva (2009, p. 82), pessoas que sofrem *bullying* podem reagir de duas formas. A reação adoecedora onde:

[...] A internalização dos sentimentos negativos gerados pela rejeição explícita da prática cruel do *bullying* se manifestará em forma de adoecimentos psíquicos (já mencionados anteriormente), cujas consequências podem levar a uma vida adulta caótica e sofrível.

Já a reação transcendente, na qual a vítima consegue superar a dor, a mágoa e o sofrimento vivido, no entanto as cicatrizes nunca serão apagadas, nem pelo sucesso, nem por qualquer outra realização material ou profissional (SILVA, 2009).

Pode-se perceber, são inúmeros os efeitos negativos que o *bullying* pode causar nas suas vítimas, por isso é importante o diagnóstico para que sejam desenvolvidas ações que possam minimizar sua ocorrência.

Diante disso, procuramos saber mais sobre como as escolas estão trabalhando com relação ao *bullying*, e descobrimos que há um programa que aborda o tema *bullying* e oferece um trabalho psicológico com os alunos sendo desenvolvido nas escolas da rede estadual de São Paulo, trata-se do programa “Psicólogos na Educação”.

No próximo capítulo, abordaremos alguns dos programas desenvolvidos para o combate ao *bullying*, destacando o programa “Psicólogos na Educação” e sua atuação no ambiente escolar.

4 PROGRAMAS DE COMBATE AO *BULLYING*

No Brasil, medidas contra o fenômeno *bullying* foram tomadas, pois já foram criadas leis voltadas a esse tema. A Lei 13.277 de 29 de abril de 2016, institui dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola a ser celebrado anualmente (BRASIL, 2016).

A Lei 13.185 institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (*bullying*) que traz a definição de *bullying* como sendo:

Art. 3º A intimidação sistemática (*bullying*) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como: I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores; III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV - social: ignorar, isolar e excluir; V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar; VI - físico: socar, chutar, bater; VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem; VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (BRASIL, 2015).

Ainda na Lei 13.185, em seu Art.4º, são abordados os objetivos que esperam alcançar com o programa que seriam:

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (*bullying*) em toda a sociedade; II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema; III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação; IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores; V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores; VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo; VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua; VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil; IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar (BRASIL, 2015).

Na busca por programas de combate ao *bullying*, percebemos que a lei aborda um conceito mais geral, mas os programas podem ser trabalhados de uma forma mais específica, desenvolvidos de acordo com a necessidade de cada instituição. Trataremos de alguns dos programas criados.

4.1 “PROGRAMA EDUCAR PARA A PAZ”

Considerado pioneiro no quesito combate ao *bullying*, o “Programa Educar Para a Paz”, foi aplicado em uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto entre 2002 e 2004, período em que pesquisas eram feitas relacionadas ao tema.

Fante (2005, p. 90) nos diz que o programa foi composto de:

[...] estratégias psicopedagógicas e socioeducacionais que visam à intervenção e à prevenção da violência nas escolas, com enfoque específico na redução do fenômeno *bullying* entre os escolares. Sua receptividade foi envolvente e sua execução, seguida das adaptações necessárias, transformou-se em um modelo viável, flexível, de fácil assimilação por parte da comunidade escolar comprometida no seu processo de implantação, que pode ser adaptado e executado por várias escolas.

O programa seguia os seguintes passos: o Conhecimento da Realidade Escolar (conscientização e compromisso, investigação da realidade escolar), a Modificação da Realidade Escolar pela adoção de estratégias de intervenção e prevenção (gerais, individuais, em sala de aula e familiar) e após essas etapas realizar um novo diagnóstico da realidade escolar (FANTE, 2005).

Um dos instrumentos de pesquisa utilizados foi o questionário, que passava por adaptações no decorrer do projeto. Foram utilizados quatro modelos, um voltado para a opinião docente (BULL/PRO), outro para os demais profissionais da escola (BULL/FUNC), outro para os alunos (BULL/AL) e o último para investigar como eram as relações familiares dos alunos e sua possível influência no comportamento dos mesmos (R.E) (FANTE, 2005).

Após aplicação dos questionários foram implantadas as Estratégias Gerais, que consistiram no aumento da supervisão dos alunos nos espaços comuns, mas, para

isso, seria necessário o aumento no número de funcionários, improvável de se conseguir. Por se tratar de uma instituição pública, a ajuda veio de um grupo denominado “alunos solidários”, que eram preparados para identificar e intervir em situações *bullying*. Outra medida foi o disque-denúncia, através da qual a vítima, os pais e alunos que desejassem poderiam ligar e denunciar agressores, podendo o responsável por atender essas ligações ser o psicólogo, o diretor, o professor ou o aluno solidário (FANTE, 2005).

Para desenvolver Estratégias Individuais foram feitas atividades como redação para o diagnóstico das vítimas de maus-tratos pelos colegas. Após identificar esse aluno, partia-se para a entrevista pessoal (de agressores e vítimas) e em grupo. Já nas Estratégias em Sala de Aula, foram desenvolvidas atividades como a criação de um estatuto contra o *bullying* pelos próprios alunos que estabeleceram normas e regras de convivência, que repudiavam o *bullying*. Foram desenvolvidas também atividades que visavam promover a inclusão de alunos que, por algum motivo, eram isolados da turma e, no decorrer da atividade, poderiam expressar suas opiniões e sugerir soluções sobre o tema abordado (FANTE, 2005).

As Estratégias Familiares utilizadas foram encontros com os pais e tutores, que eram alertados caso o filho estivesse vivenciando uma situação de *bullying* (vítima ou agressor). Por meio de campanhas, foram feitas orientações sobre a importância da Educação na vida de seus filhos e sobre o papel fundamental da família na Educação do aluno, uma vez que, com o passar dos anos, essa obrigação com a Educação tivesse sido delegada somente à escola. Também foram criados grupos de pais solidários que se engajaram em projetos e ações solidárias junto com seus filhos (FANTE, 2005).

O programa passava por diagnóstico, frequentemente, no caso da necessidade de uma nova intervenção ou mudança nas ações aplicadas. “[...] Os índices de violência *bullying* entre os alunos foram reduzidos de 67% para 10%. Em relação às vítimas, a redução foi de 25,5% para 4%, em apenas dois anos” (FANTE, 2005, p.210)

Eram feitas pesquisas a cada semestre para comprovar a eficácia do programa, e através delas mostrou-se que o programa teve sucesso em seus resultados, diminuindo a ocorrência do *bullying* entre os alunos da escola em que foi implantado.

4.2 “BULLYING: AQUI NÃO!”

“*Bullying*: aqui Não!”, como foi denominado um programa que surgiu na Escola Estadual Senhora do Bonsucesso, em Caeté, região metropolitana de Belo Horizonte, que buscou conscientizar os alunos sobre o tema por meio de textos e reportagens sobre casos de *bullying* trazidos pelos professores. Após a leitura, formavam uma roda de conversa, em que os alunos podiam debater sobre o tema (MINAS GERAIS, 2022).

Depois de debaterem, os alunos produziam textos de forma anônima. Nesse texto, podiam trazer situações ocorridas na escola que acreditavam ter relação com o que foi estudado nos textos e debate. Os textos foram expostos em um mural da escola, onde todos podiam ver, ler e refletir sobre eles (MINAS GERAIS, 2022).

4.3 “UNIDOS NO COMBATE À PRÁTICA DO BULLYING – JORNAL, LITERATURA, COMUNIDADE E CIDADANIA”

O projeto “Unidos no Combate à Prática do *Bullying* – Jornal, Literatura, Comunidade e Cidadania” – surgiu, na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, desenvolvido entre 2008 e 2009, idealizado pela professora Cristina Pires Dias Lins. Primeiramente, foi apresentado o projeto aos pais e à equipe pedagógica, esclarecendo objetivo do trabalho e a importância da colaboração de todos (BRASIL, 2010).

[...] Alunos e familiares estiveram reunidos na confecção de cartazes contra a violência, colados por toda a escola. As famílias também participaram da elaboração da pauta de reivindicações contra a violência, encaminhada aos responsáveis pelo projeto político-pedagógico e à Secretaria Municipal de Educação de Dourados. A proposta é articular o projeto com as demais escolas da rede oficial do município (BRASIL, 2010).

O trabalho em sala de aula ocorria de forma interdisciplinar. A área de Língua Portuguesa, com textos conhecidos da Literatura Infantil, produzia as histórias e os alunos encenavam uma peça de teatro. Em Ciências, houve a valorização das características físicas e o respeito às diversidades (BRASIL, 2010).

Cristina Pires Dias Lins afirmou que, após a realização do projeto, houve uma melhora significativa no comportamento dos alunos em relação às brigas, que antes do projeto eram constantes, depois já não eram mais, e os alunos começaram a interagir mais entre eles de forma solidária (BRASIL, 2010).

4.4 “NO LUGAR ONDE EU VIVO HÁ PEQUENAS ALEGRIAS E TUDO VIRA POESIA...”

O projeto “No lugar onde eu vivo há pequenas alegrias e tudo vira poesia...” idealizado pela professora Raquel Alves, foi desenvolvido no Centro Educacional Gesner Teixeira, de Planaltina, Distrito Federal.

A professora Raquel percebeu que, na classe em que lecionava, alunos estavam hostilizando outros por morarem na periferia, ela então decidiu intervir. A metodologia utilizada foi a poesia, por meio da qual os alunos teriam que falar sobre coisas boas do local onde vivem. De início, a ideia não foi muito aceita por eles, mas no decorrer do projeto foi feito em grupo mesclando os alunos da capital e cidades vizinhas. Acabaram se ajudando na elaboração das rimas, percebendo que todos são capazes independente do lugar onde vivem.

Após o projeto, a professora Raquel relata que houve redução na prática de *bullying* entre os alunos. Esse projeto rendeu a ela o Prêmio Professores do Brasil 2017 e também foi convidada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para falar sobre seu projeto no 15º Encontro do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) (BRASIL, 2018).⁷

4.5 “PENSO, LOGO RESPEITO”

O Projeto “Penso, logo respeito” foi desenvolvido no Centro Educacional Tomaz Tommasi, de Vitória, Espírito Santo, pelas professoras Livia Costa Araújo e Rosileia

⁷ Após o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, o “Plano Nacional do Livro Didático” (PNLD) se unificou com o “Programa Nacional Biblioteca da Escola” (PNBE), e a nova nomenclatura passa a ser “Programa Nacional do Livro e do Material Didático” (PNLD). A postagem do MEC sobre o trabalho da professora Raquel foi no dia 14 de junho de 2018, após a mudança na nomenclatura do programa, mas acabaram utilizando a antiga.

Soares, que perceberam em seus alunos de cinco e seis anos o desinteresse por personagens negros que apareciam como protagonistas nas histórias contadas em sala de aula. “A negação e a falta do sentimento de pertencimento dos alunos negros, por medo do *bullying* – conforme foi comprovado mais tarde –, também preocupou as educadoras” (BRASIL, 2018).

Ao mostrar vídeos com crianças do continente africano, os alunos agiram de forma negativa, dizendo que achavam essas crianças feias e que não se sentiam representados por elas, o que preocupou mais ainda as professoras, pois a maioria dos alunos eram negros (BRASIL, 2018).

[...]. Juntamente com a equipe pedagógica da escola, as educadoras bolaram o projeto Penso, logo respeito, que tem promovido atividades com foco no ensino sobre as diferentes culturas. As lições alcançaram também as famílias, o que, segundo a professora Livia, foi fundamental para o maior envolvimento dos pequenos. “Nós enviamos um questionário para famílias perguntando o que eles conheciam da cultura negra, o que eles sabiam, quantos negros havia na família. E aí o questionário veio exatamente parecido com a reação das crianças, uma negação muito grande, muitas famílias não se declarando negras ou dizendo que desconhecem a questão da cultura africana (BRASIL, 2018).

Houve resistência de alguns pais em certos pontos, como na prática da capoeira, diziam ser uma dança voltada para santo ou diabo e não permitiam que os filhos participassem. A rotina da sala de aula buscava trazer mais da cultura africana, as crianças até se caracterizavam como guerreiros das tribos africanas, princesas e roupas típicas. As educadoras logo perceberam resultados, tanto no comportamento quanto na consciência de pertencimento a suas origens (BRASIL, 2018).

4.6 “PROGRAMA DE MELHORIA DA CONVIVÊNCIA E PROTEÇÃO ESCOLAR – CONVIVA-SP”

O “Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar – CONVIVA”, foi criado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) e contempla escolas da Rede Pública Estadual de Educação de São Paulo. A Resolução 48, de 1 de outubro de 2019 instituiu esse programa.

No Art.2º Resolução 48, de 1 de outubro de 2019 são definidas dimensões que os projetos e as ações do programa devem considerar:

I - Convivência e Colaboração: projetos e ações que promovam um ambiente escolar positivo, solidário, integrador e acolhedor por meio do desenvolvimento de habilidades relacionais que prezem pela resolução consensual de conflitos e pelo respeito às diferenças e à diversidade; II - Articulação Pedagógica e Psicossocial: projetos e ações que possibilitem o mapeamento e mitigação de fatores que prejudiquem o processo educacional fazendo uso das ciências e saberes aderentes, considerando o contexto social, as condições de vida dos educandos, indicadores de risco social e vulnerabilidade; III - Proteção e Saúde: projetos e ações que possibilitem e promovam fomento, mobilização e articulação com rede referenciada de saúde, de proteção social e de apoio psicossocial, conselhos tutelares e demais equipamentos locais de atendimento; IV - Segurança Escolar: projetos e ações que prioritariamente zelem pela integridade física dos alunos, servidores da rede estadual de ensino e da comunidade escolar, bem como pela conservação e proteção do patrimônio escolar (SÃO PAULO, 2019, p. 01).

O Art.3º, nessa mesma resolução, nos mostra como é composta a estrutura organizacional de gestão e execução do programa que seria: o Gestor do CONVIVA, o Comitê Gestor, a Equipe Executora Central, a Equipe Executora Regional e a Equipe Executora Local, todos trabalhando com vistas à melhoria contínua do programa (SÃO PAULO, 2019, p. 01-02).

É de responsabilidade da Equipe Executora Local:

- a) elaborar e executar o Plano Anual de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar estabelecendo objetivos específicos, ações de atendimento/intervenção local bem como metas de curto, médio e longo prazo, com vistas à melhoria e adequação do processo educacional em conformidade com o Método de Melhoria da Convivência Escolar, com a implementação e execução de projetos e ações no âmbito da unidade escolar, e mapeamento as necessidades específicas de intervenção propondo novas ações e/ou ajustes; c) coletar e manusear dados e informações pertinentes ao ambiente escolar e aderentes ao programa; d) mapear fatores que prejudiquem o processo educacional no âmbito da unidade escolar considerando o contexto social, as condições de vida dos educandos e indicadores de riscos sociais e vulnerabilidade; e) fomentar, articular e garantir a participação da comunidade escolar, alunos, família, servidores, instituições e órgãos de apoio ao programa na elaboração e execução dos projetos e ações que comporão o Plano Anual de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar; f) apresentar à Equipe Executora Regional os resultados e avanços obtidos (SÃO PAULO, 2019, p. 02).

A Equipe Executora Regional é responsável por elaborar, propor, orientar e acompanhar projetos e ações no âmbito da Diretoria de Ensino e respectivas Unidades Escolares e por apresentar à Equipe Executora Central indicadores de resultados e avanços no âmbito de sua jurisdição (SÃO PAULO, 2019).

A Equipe Executora Central é responsável pela elaboração das diretrizes do programa em nível macro, bem como orientar, acompanhar e monitorar sua implementação e execução pelas equipes regionais e locais, responsável também pela apresentação ao Comitê Gestor dos indicadores de resultados e avanços (SÃO PAULO, 2019).

O Comitê Gestor é “responsável por apoiar a implementação do programa em nível estratégico, de forma a analisar e monitorar sistematicamente o andamento dos projetos e ações, e propor ajustes com vistas à sua melhoria contínua” (SÃO PAULO, 2019, p.2).

O Gestor do CONVIVA-SP é “responsável pela articulação com os demais órgãos e por gerir as atividades e resultados apresentados ao Comitê Gestor” (SÃO PAULO, 2019, p.2).

Diante do exposto, percebemos como é importante que a Equipe Executora Local cumpra de fato suas responsabilidades com o programa, pois os resultados obtidos em suas coletas de dados serão utilizados nos outros setores para fins de monitoramento, orientação, elaboração de diretrizes e ajustes, visando a melhoria do programa.

No Método de Melhoria da Convivência Escolar (MMCE) do programa, é feita uma pesquisa de clima relacional (gestão, professores e alunos), e com esses dados é feito o Plano de melhoria da Convivência Escolar. As bases para a melhoria do MMCE são: Formação de Professores e Gestores, Equipes de Ajuda (não necessariamente um psicólogo), Ações Protagonistas dos estudantes, Assembleias Escolares e Comissões de Mediação (ROCHA, 2019).

A Resolução 49, de 3 de outubro de 2019 traz ao programa a função do Professor Mediador Escolar e Comunitário, do Sistema de Proteção Escolar – SPEC (SÃO PAULO, 2019).

O SPEC foi instituído pela Resolução SE 19, de 12 de fevereiro de 2010 e em seu Art.1º traz sua definição:

Art. 1º - Fica instituído o Sistema de Proteção Escolar, que coordenará o planejamento e a execução de ações destinadas à prevenção, mediação e resolução de conflitos no ambiente escolar, com o objetivo de proteger a integridade física e patrimonial de alunos, funcionários e servidores, assim como dos equipamentos e mobiliários que integram a rede estadual de ensino, além da divulgação do conhecimento de técnicas de Defesa Civil para proteção da comunidade escolar (SÃO PAULO, 2010).

Rocha (2019) nos diz que o CONVIVA-SP veio para substituir o SPEC, com um escopo mais abrangente, mais evoluído.

No entanto, com a Resolução 92, de 1º de dezembro de 2020, que institui a Orientação de Convivência como parte integrante do programa CONVIVA-SP, extingue o cargo de Professor Mediador Escolar e Comunitário e adere o cargo Professor Orientador da Convivência (SÃO PAULO, 2020).

As responsabilidades do Professor Orientador da Convivência são muitas, por isso uma avaliação de desempenho é feita ao final de cada semestre pela equipe gestora. Se a escola não conta com esse professor, compete ao Vice-diretor assumir essa responsabilidade, e na sua ausência, o Diretor (SÃO PAULO, 2020).

No contexto do CONVIVA-SP, abordaremos um de seus programas, que será o tema de nossa pesquisa, o programa “Psicólogos na Educação”.

4.6.1 Psicólogos na Educação

A iniciativa “Psicólogos na Educação” integra o programa CONVIVA-SP, serviço esse que está sendo prestado pela empresa Psicologia Viva, a iniciativa conta com:

Os psicólogos com experiência na área da educação vão receber formação para apoiar o desenvolvimento das ações do Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar (Conviva-SP) e o trabalho pedagógico das equipes escolares no desenvolvimento das competências cognitivas e socioemocionais dos estudantes da rede estadual (SÃO PAULO, 2021).

A disposição de horas deverá ser proporcional à demanda que cada escola, levando em conta a quantidade de alunos, turnos e ocorrências registradas na mesma. Os atendimentos devem ser marcados pelos diretores, vice-diretores e professores coordenadores. O atendimento não é somente para os alunos, mas também aos demais profissionais da área da Educação (SÃO PAULO, 2021).

Os atendimentos desses psicólogos, preferencialmente, devem ser de forma coletiva. A avaliação e o monitoramento da atuação dos psicólogos e da melhoria do convívio escolar será feita por equipes das Diretorias de Ensino e da Secretaria de Educação (SÃO PAULO, 2021).

As opções de atendimentos são por ações preventivas, de apoio institucional, educação de jovens e adultos, inclusão e habilidades socioemocionais (HENRIQUE, 2021).

O núcleo pedagógico do programa Conviva-SP traz uma tabela com os temas que podem ser abordados no programa “Psicólogos na Educação”:

Quadro 2: Cardápio do Programa Psicólogos da Educação

LISTA A	LISTA B
AÇÕES PREVENTIVAS	MEDIDAS DE SEGURANÇA;
AÇÕES PREVENTIVAS	PLATAFORMA CONVIVA – PLACON – FERRAMENTA UTILIZADA PARA A MELHORIA DO CLIMA E CONVIVÊNCIA ESCOLAR
AÇÕES PREVENTIVAS	VIOLÊNCIA
AÇÕES PREVENTIVAS	DROGAS
AÇÕES PREVENTIVAS	GRAVIDEZ PRECOCE
AÇÕES PREVENTIVAS	SEXUALIDADE
AÇÕES PREVENTIVAS	<i>BULLYING</i>
AÇÕES PREVENTIVAS	EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA
AÇÕES PREVENTIVAS	COMUNICAÇÃO AFETIVA
AÇÕES PREVENTIVAS	OUTROS
APOIO INSTITUCIONAL	ACOLHIMENTO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA
APOIO INSTITUCIONAL	ORIENTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO A AUTONOMIA (SERVIDORES)

APOIO INSTITUCIONAL	ENGAJAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL (SERVIDORES)
APOIO INSTITUCIONAL	GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DE TEMPO E ESPAÇO (SERVIDORES)
APOIO INSTITUCIONAL	MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA;
APOIO INSTITUCIONAL	OUTROS
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - DESMOTIVAÇÃO, INSEGURANÇA E/OU SENTIMENTO DE INFERIORIDADE (EQUIPE GESTORA)
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - APRENDIZAGEM E MOTIVAÇÃO (ALUNOS/PROFESSORES)
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - ACOLHIMENTO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - PLURALIDADE CULTURAL E IDENTITÁRIA (ALUNO)
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - AUTOESTIMA E PROJETO DE VIDA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	EJA - PROMOÇÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES PRIVADOS DE LIBERDADE.
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	OUTROS
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	PROPOSIÇÃO POSITIVA AO COMPORTAMENTO
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	PROTAGONISMO JUVENIL
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	PLANO DE MELHORIA DA CONVIVÊNCIA - MMC NAS ESCOLAS
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE EDUCACIONAL POSITIVO E INTEGRADOR
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	COMUNICAÇÃO AFETIVA
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA;
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	OUTROS
INCLUSÃO	EDUCAÇÃO ESPECIAL - FOMENTO DA CULTURA INCLUSIVA (PROFESSORES E EQUIPE GESTORA)
INCLUSÃO	EDUCAÇÃO ESPECIAL - FOMENTO DA CULTURA INCLUSIVA (ALUNOS)
INCLUSÃO	ACESSIBILIDADE
INCLUSÃO	EDUCAÇÃO ESPECIAL - ORIENTAÇÃO NA BUSCA DE DIAGNÓSTICO E ENCAMINHAMENTOS (FAMÍLIAS)

INCLUSÃO	OUTROS
PSICOLOGIA ESCOLAR	AUTISMO
PSICOLOGIA ESCOLAR	TDH
PSICOLOGIA ESCOLAR	DISLEXIA
PSICOLOGIA ESCOLAR	APRENDIZAGEM
PSICOLOGIA ESCOLAR	ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
PSICOLOGIA ESCOLAR	EDUCAÇÃO INTEGRAL
PSICOLOGIA ESCOLAR	COMPETÊNCIAS GERAIS DO CURRÍCULO PAULISTA
PSICOLOGIA ESCOLAR	RECUPERAÇÃO DA APRENDIZAGEM
PSICOLOGIA ESCOLAR	OUTROS
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	ACOLHIMENTO EMOCIONAL
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	CUIDAR DAS PESSOAS
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	<i>BULLYING</i>
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	PRECONCEITO RACIAL
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	AUTOMUTILAÇÃO
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	AUTOEXTERMÍNIO
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	DEPRESSÃO
SAÚDE MENTAL NA ESCOLA	OUTROS

Fonte: SÃO PAULO; Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Núcleo pedagógico- Conviva. Cardápio do Programa Psicólogos na Educação para Agendamento e Encontro 03/2021.

O atendimento virtual é feito pela plataforma da empresa Psicologia Viva que deve fornecer “[...] a solução tecnológica de transmissão de áudio e vídeo, e disponibilizar psicólogos capacitados para atendimento à rede estadual, devidamente registrados nos Conselhos Regionais e no Conselho Federal de Psicologia”⁸

A Secretaria da Educação exigirá o cumprimento de protocolos de segurança para assegurar a segurança da plataforma eletrônica, para a criação de um

⁸ Informações retiradas do FAQ da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

ambiente seguro de trocas entre estudantes e/ou profissionais da rede estadual. Além disso, a prestadora de serviços deverá seguir os termos da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, para garantir a privacidade e segurança dos dados e informações de alunos e profissionais.⁹

Nos capítulos anteriores, falou-se sobre como a violência no ambiente escolar pode ser prejudicial para os alunos, desde o aprendizado até o seu emocional. O programa “Psicólogos da Educação” seria então uma ferramenta que as escolas (no estado de São Paulo) estão tendo oportunidade de usar para que a convivência no ambiente escolar, principalmente agora em um período pós-pandêmico, possa ser melhorada.

Diante disso, para uma melhor compreensão da atuação do programa, foi realizada a aplicação de um questionário em três escolas no município de Ibitinga, e esses resultados serão tratados no próximo capítulo.

⁹ Informações retiradas do FAQ da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

5 METODOLOGIA CIENTÍFICA

Para a fundamentação deste trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, baseada em livros, artigos científicos e sites específicos que abordavam o tema. Diante de todo o conteúdo levantado, percebemos que seria importante aplicar uma pesquisa nas escolas que aderiram ao programa “Psicólogos na Educação” para uma melhor conclusão do trabalho.

Gil (2009, p. 17) define pesquisa como:

[...] o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Lakatos e Marconi (2001, p. 155) afirmam que “[...] A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Sobre a pesquisa bibliográfica Lakatos e Marconi (2001, p. 183) nos dizem que a mesma “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

O instrumento de pesquisa que utilizamos foi o questionário que de acordo com Gil (2009, p. 114) “[...] Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado [...]”.

Ainda Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 53) nos dizem que o questionário “[...] é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja”.

Aplicamos os questionários via plataforma online, o *Google Forms*. Foram escolhidas 3 escolas do município que mais utilizaram o projeto “Psicólogos da Educação”, pois o objetivo da pesquisa é descobrir se o mesmo surtiu efeitos positivos na convivência escolar.

As escolas assinaram um termo de livre consentimento, que garantia o sigilo de sua identidade, então as denominaremos escolas “A”, “B” e “C”.

5.1 DESCRIÇÃO DAS ESCOLAS

A escola “A” está localizada na região periférica do município de Ibitinga e a maior parte dos alunos é de baixa renda. Os cursos oferecidos são Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio. A estrutura da escola conta com água filtrada, fornece alimentação, sanitários, quadra de esportes, sala de leitura, cozinha, sala de direção, laboratório de informática, secretaria, sala de professores e salas de aula.

A escola “B” está localizada na região central da cidade e a maior parte dos alunos não é de baixa renda. O curso oferecido é o Ensino Fundamental (anos iniciais). A estrutura da escola conta com água filtrada, fornece alimentação, sanitários, quadra de esportes, biblioteca, cozinha, sala de direção, laboratório de informática, secretaria, sala de coordenação pedagógica, almoxarifado, sala de professores e salas de aula.

A escola “C” está localizada na região periférica da cidade e a maior parte dos alunos é de baixa renda. Os cursos oferecidos são Ensino Fundamental (anos iniciais/finais) e Ensino Médio. A estrutura da escola conta com água filtrada, fornece alimentação, sanitários, quadra de esportes, biblioteca, cozinha, sala de direção, laboratório de informática, secretaria, sala de coordenação pedagógica, almoxarifado, sala de professores e salas de aula.

5.2 RESULTADOS DA PESQUISA

Cada escola tem um responsável pelo programa, e esse responsável pode ser o diretor, vice-diretor, professor coordenador ou o professor orientador de convivência. Na escola “A” o responsável pelo programa foi a vice-diretora, na escola “B” também foi a vice-diretora e na escola “C” foi a professora orientadora de convivência.

Quando questionados sobre como eles avaliavam o programa, todos esses responsáveis responderam que o programa obteve resultados satisfatórios e na escola “B” disseram ainda que o programa foi bem aceito pela comunidade e que também contribuiu para o desenvolvimento dos alunos e da equipe escolar¹⁰.

Quando questionadas se houve dificuldades no uso da plataforma do programa (plataforma Psicologia Viva), as escolas “B” e “C” alegaram que não tiveram problemas com a plataforma, no entanto a escola “A” alegou que algumas vezes não recebia o link da reunião ou às vezes era difícil liberar a reunião.

Uma das questões levantadas na pesquisa foi se o projeto mudou a convivência do ambiente escolar. As escolas alegaram que as crianças que receberam os atendimentos mudaram a forma de relacionar-se com os colegas, com mais respeito. A escola “B” destacou ainda que havia vários casos de automutilação entre os alunos e com o projeto não estavam acontecendo mais.

Quando questionadas sobre se o programa atingiu os objetivos propostos, as escolas “B” e “C” disseram que sim, no entanto a escola “A” disse que não devido à falta de tempo suficiente para atender a todos que necessitavam.

Quanto a abrangência e o aperfeiçoamento do projeto a escola “A” e a “C” destacaram que o projeto deveria ter continuidade¹¹, a escola “A” disse ainda que deveriam agilizar as formas de liberar os encontros. A escola “B” disse que o projeto

¹⁰ A escola “B” não especificou sobre essa aceitação da comunidade, o desenvolvimento dos alunos e da equipe escolar também não, mas em questão posterior afirmam que as dificuldades de relacionamento pessoal diminuíram no ambiente escolar.

¹¹ O projeto Psicólogos na Educação foi paralisado 25 de fevereiro de 2023.

poderia alcançar um número maior de participantes se eles liberassem mais horas para as escolas.

Ao questioná-los sobre os temas mais procurados na utilização do projeto, e qual forma foi utilizada (individual, coletiva ou em pequenos grupos), e quais dessas formas se mostraram mais eficazes, a escola “A” destacou que os temas mais trabalhados foram o *bullying* e dificuldades de relacionamento, não foi respondida a forma como foi trabalhado o projeto. A escola “B” também trabalhou sobre o *bullying* com todos os alunos, mas disse que faltaram encontros para esse tema. Eles faziam encontros de grupos terapêuticos com alunos que se automutilavam e relataram que obtiveram resultados satisfatórios. A escola “C” destacou que os temas mais procurados foram ansiedade e depressão, a escola não respondeu sobre a forma como foi trabalhado o projeto.

5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O RESULTADO DA PESQUISA

Constatamos, com a pesquisa, que o Programa Psicólogos na Educação estava cumprindo o seu propósito que era a melhoria da convivência no ambiente escolar.

Sobre o instrumento de pesquisa que utilizamos, um questionário aberto, resultou em respostas muito objetivas, sentimos que os responsáveis pelo funcionamento do projeto se limitaram um pouco em suas respostas, houve questões que acabaram nem respondendo completamente.

As escolas “B” e “C” não tiveram problemas com o acesso à plataforma do programa, no entanto a escola “A” teve, e esse é um ponto negativo dos meios digitais, se a internet estiver instável, se a plataforma digital estiver em manutenção, são questões que influenciam na efetivação do programa, mas as adequações vão sendo feitas, e as tecnologias a cada dia são melhoradas, por isso acreditamos que esse tipo de problema será escasso futuramente.

A temática *bullying*, na qual, desde o início de nossa pesquisa, estávamos nos aprofundando, foi o tema mais abordado nas escolas “A” e “B”, lembrando que os alunos dessas escolas têm uma realidade socioeconômica diferente (escola “A” com

famílias de menor poder aquisitivo e escola “B” com famílias com um poder aquisitivo melhor). Constatamos que, independentemente da questão financeira dos alunos, o *bullying* pode ocorrer em ambas as realidades. Como Silva (2009) destacou, toda característica considerada diferente, fora de um padrão de determinado grupo, é o motivo para que essa pessoa seja escolhida como vítima do *bullying*.

A temática mais abordada da escola “C” foi ansiedade e depressão. O que deveria ser levado em consideração são os fatores que levaram a esse estado, entretanto, como não aprofundamos a pesquisa, não temos como saber a fonte desses problemas, no entanto, existe a possibilidade de alguns desses alunos estarem assim por sofrerem *bullying*, pois dentro dos sintomas de quem sofre o *bullying* Fante e Ventura (2011) destacam depressão e ansiedade. Essa seria somente uma hipótese, visto que esses sintomas podem aparecer devido a outras questões que não ficaram explícitas em nossa pesquisa.

Infelizmente, o programa não teve continuidade, no dia 25 de fevereiro de 2023 as reuniões deixaram de acontecer e as escolas “A” e “C” destacaram que o programa deveria ter tido continuidade.

Após essa paralisação do programa, vêm ocorrendo várias situações de violência nas escolas, inclusive no dia 27 de março, na Escola Estadual Thomazia Montoro na zona sul de São Paulo, uma professora foi morta, três ficaram feridas e um estudante também ficou ferido devido ao ataque de um aluno com uma arma branca. Renato Feder, Secretário da Educação do Estado de São Paulo em entrevista ao G1 disse que o programa terá continuidade e está em processo de licitação, a intenção é que cada escola tenha um psicólogo disponível. Ele ainda afirmou que os atendimentos estavam sendo realizados de forma virtual devido à pandemia da Covid-19, mas que haverá mudança para reuniões presenciais ¹²(G1, 2023).

¹² Entrevista de Renato Feber, Secretário da Educação do Estado de São Paulo, ao G1 sobre o atentado na Escola Estadual Thomazia Montoro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de pesquisar sobre o *bullying* foi devido a situações que vêm ocorrendo de uns anos para cá e, no decorrer de nossa pesquisa, tomamos conhecimento também do programa Psicólogos na Educação.

No primeiro capítulo, foi apresentada a Educação no Brasil e como ela reagiu na pós-pandemia, destacamos a metodologia de ensino predominante, que é o ensino tradicional, que vem resistindo às mudanças da sociedade. Na pandemia a situação só piorou, porque a Educação, que já vinha se arrastando, foi pega desprevenida. Vimos, então, a falta de preparo que as escolas tiveram para se adequar a uma metodologia de ensino remota, que não foi muito eficiente, principalmente para as crianças em fase de alfabetização. Os reflexos disso são sentidos até a atualidade nas escolas.

No segundo capítulo, enfocamos os conceitos de indisciplina e *bullying* mostrando que há diferença nesses dois termos. A indisciplina pode ser vista de forma diferente de acordo com o período histórico em que se está inserido, mas é possível dizer que a indisciplina no ambiente escolar acontece quando as ações dos alunos prejudicam o professor na execução do seu trabalho. O *bullying*, por sua vez, é uma violência repetitiva, sem motivo aparente, que ocorre entre pares e, por isso, pode passar despercebido pelos professores.

No terceiro capítulo, aprofundou-se sobre o *bullying* no ambiente escolar, descrevendo as possíveis vítimas, agressores e expectadores, e apresentando ainda os fatores que predispõem uma pessoa a sofrer bullying, fatores estes que podem ser individuais e contextuais. Também foram abordados os efeitos que ele pode causar em suas vítimas.

No quarto capítulo, foram apresentados os programas de combate ao *bullying*, com a legislação e documentos oficiais de programas que foram realizados. É válido destacar que a legislação não traz um programa pronto para as escolas, pois cada escola é única e tem suas especificidades, e pode-se perceber isso com os programas estudados.

No quinto capítulo, foi descrita a metodologia científica utilizada no trabalho, além das características das três escolas onde foi realizada a pesquisa. O programa já havia sido paralisado quando a pesquisa foi realizada. Mesmo sem citar o *bullying* no questionário, em duas das escolas foi um dos temas que mais foi solicitado nas reuniões, confirmando a observação de que o *bullying* se faz presente no ambiente escolar.

Conclui-se, que de acordo com o resultado da pesquisa, o programa “Psicólogos na Educação” foi importante para a melhoria na convivência do ambiente escolar, portanto, durante o período em que durou cumpriu com o seu papel. Esperamos que o novo programa, em substituição a esse, também seja eficaz. Isso será tema para uma nova pesquisa. Será que a atuação dos psicólogos na escola terá a mesma efetividade quando aplicada de forma presencial?

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. Repositório da faculdade de Lisboa. **Uma Visão Holística Da(s) Indisciplina(s)**, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33034/1/Amado_Freire_Vis%c3%a3ohol%c3%adsitca.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.
- ANTUNES, C. **Professor Bonzinho=Aluno Difícil: A Questão da Indisciplina em Sala de Aula**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- AQUINO, J. G. **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e Práticas**. 9. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- BOARINI, M. L. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. **Indisciplina Escolar: Uma Construção Coletiva**, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/qThk57mv3vCvPxZBmwqC9cv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 06 ago. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Escola e Famílias Atuam Unidas em Município de Mato Grosso do Sul**, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/14874-escola-e-familias-atuam-unidas-em-municipio-de-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto de Lei 13.185, de 06 de Novembro de 2015**, 2015. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto de Lei 13.277, de 29 de Abril de 2016**, 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto de Lei nº 9.099, de 18 Julho de 2017**, 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9099.htm>. Acesso em: 01 abr. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Professores de Escola no Espírito Santo Ajudam a Promover a Cultura Africana**, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/33511-trilhas-da-educacao/71591-professores-de-escola-no-espirito-santo-ajudam-a-promover-a-cultura-africana>>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Professora Usa Poesia Como Arma Para Combater Prática de Bullying em Escola do Distrito Federal**, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/33501-educacao-no-ar/65171-professora-usa-poesia-como-arma-para-combater-pratica-de-bullying-em-escola-do-distrito-federal>>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- CALHAU, L. B. **Bullying Oque Você Precisa Saber**. Niterói: Editora Impetus Ltda, 2009.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. D. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

ECCHELI, S. D. Editora UFPR. **A Motivação Como Prevenção da Indisciplina**, 2008. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/er/a/S6L97qxxPfNyh9HYG3b6gtH/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 13 ago. 2022.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FELIZARDO, A. R. **Bullying Escolar: Prevenção, Intervenção e Resolução com Princípios da Justiça Restaurativa**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

G1. Globo Comunicação e Participações S.A.. **Escola Alvo de Ataque na Zona Oeste de SP Ficará Fechada Por Uma Semana e Comunidade Escolar Terá Apoio Psicológico, Diz Governo**, 2023. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/27/escola-alvo-de-ataque-na-zona-oeste-de-sp-ficara-fechado-por-uma-semana-e-comunidade-escolar-tera-apoio-psicologico-diz-governo.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

GARCIA, J. Universidade Federal de Santa Maria. **Representações dos Professores Sobre Indisciplina Escolar**, 2009. Disponível em:
<<https://www.redalyc.org/pdf/1171/117112615006.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GATTI, B. A. Estudos Avançados. **Possível Reconfiguração dos Modelos Educacionais Pós-Pandemia**, 2020. Disponível em:
<[file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/GATTi%20reconfigura%C3%A7%C3%A3o%20educa%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%B3s%20pandemia%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/GATTi%20reconfigura%C3%A7%C3%A3o%20educa%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%B3s%20pandemia%20(1).pdf)>. Acesso em: 15 out. 2022.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.

HENRIQUE, I. Youtube. **Live Psicólogos na educação**, 2021. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=I9SVLEvYIQ>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

JULIANO, K. R. Q. Universidade LaSalle. **A Percepção Das Educadoras Do 4º Ano Do Ensino Fundamental Sobre A Aprendizagem Dos Estudantes Por Meio De Dispositivos Móveis Durante A Pandemia De 2020 - Um Estudo De Caso**, 2021. Disponível em:
<<https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/2298/1/krqjuliano.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2001.

LEÃO, D. M. M. Cadernos de Pesquisa. **Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista**, 1999. Disponível em:
<<file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o%20tradicional.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

LIMA, R. M. D. S.; GUIMARÃES, U. A. Revista Científica Multidisciplinar. **Fundamental I E II: Como os Alunos Voltaram e Como Recuperar Este Tempo “Pausado”, Após O Ensino Remoto**, 2022. Disponível em:
<<https://www.recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1670/1249>>. Acesso em: 16 out. 2022.

LINHARES, A. Dr. Dan Olweus: Pioneiro Em Pesquisas Sobre Bullying. **Bullying Escolar**, 2012. Disponível em: <<https://edu-bullyingescolar.blogspot.com/2012/12/dr-dan-olweus-pioneiro-em-pesquisas.html>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LOPES, A. L. D. S.; , M. M. D. S. V. Comunicação & Educação. **Cultura Digital e Aprendizagem Colaborativa: Estratégias Virtuais Pós-Covid-19**, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/172629/167358>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARTINS, M. J. D. Instituto Politécnico de Portalegre. **Envolver os Alunos na Prevenção da Indisciplina e do Bullying na Escola**, 2015. Disponível em: <<http://aprender.esep.pt/index.php/aprender/article/view/38/28>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

MEDEIROS, A. V. M. Faculdade de Ciencias Sociais da Universidade Federal de Goiás. **O Fenômeno Bullying: (IN)definições do Termo e Suas Possibilidades**, 2012. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/1617/1/Dissertacao_Malman%202012.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Bullying Aqui Não**, 2022. Disponível em: <<https://www2.educacao.mg.gov.br/component/gmg/story/11934-escolas-estaduais-desenvolvem-acoes-educativas-com-foco-na-prevencao-e-combate-ao-bullying-e-violencia-no-ambiente-escolar>>. Acesso em: 01 jan. 2023.

MOSÉ, V. Plataforma Youtube. **O Que a Escola Deveria Aprender Antes de Ensinar?**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80&list=RDLVcrlzDuxh6Ug&index=10>. Acesso em: 15 out. 2022.

NASCIMENTO, O. M. D. Revista Faculdade FAMEM. **A Educação na Pós Pandemia: Desafios e legados**, 2021. Disponível em: <<https://revistafamen.com.br/index.php/revistafamen/article/view/16/23>>. Acesso em: 15 out. 2022.

NETO, A. A. L. **Bullying Saber Identificar e Como Prevenir**. Taubaté: Editora Brasiliense Ltda, 2013.

NETO, C. M. D. S.; BARRETTO, E. S. D. S. Scielo Brasil. **(In)disciplina e Violência Escolar: Um Estudo**, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844165933>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

PIMENTA, K. G.; LOUZADA, S. S. S. Revista e - Ped – F A C O S / C N E C O s ó r i o. **A Indisciplina na Percepção de Educadores e Algumas Possibilidades**, 2012. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/a_indisciplina_na_percepcao_de_educadores_e_algumas_posibilidades.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

ROCHA, H. C. YOUTUBE. **Lançamento do Programa CONVIVA SP – Parte 1**, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KgL7FHwRO54>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

RZEWUSKI, R. **A Indisciplina e a Violência na Escola (Bullying)**, 2012. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uepg_edfis_artigo_roberto_rzewuski.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Instituição do Sistema de Proteção Escolar na Rede Estadual de Ensino de São Paulo**

Resolução 19, de 12-2-2010, 2010. Disponível em:

<http://siau.edunet.sp.gov.br/itemlise/arquivos/19_10.htm>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Alteração do artigo 10 da Resolução Publicada em 03-10-2019 Resolução 49, de 3-10-2019**, 2019.

Disponível em:

<http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/49_19.HTM?Time=08/01/2023%2011:33:48>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Programa de Melhoria da Convivência e Proteção Escolar – CONVIVA SP Resolução 48, de 1-10-2019**, 2019. Disponível em:

<https://efape.educacao.sp.gov.br/convivasp/wp-content/uploads/2019/10/Res-SE-48-de-1-10-2019_20191002.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Orientação de Convivência como parte integrante da equipe executora local do CONVIVA SP Resolução 92, de 1-12-2020**, 2020. Disponível em:

<<http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/RESOLU%C3%87%C3%83O%20SE DUC%2092%20-%201%C2%BA-12-2020.PDF?Time=05/02/2021%2011:38:19#:~:text=Artigo%201%C2%BA%20%2D%20Fica%20institu%C3%ADda%20a,um%20clima%20escolar%20positivo%20por>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Governo de SP Inicia o Programa Psicólogos na Educação**, 2021. Disponível em:

<<https://www.educacao.sp.gov.br/governo-de-sp-inicia-o-programa-psicologos-na-educacao-partir-desta-quarta-feira-17/>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Cardápio do Psicologia Viva para Agendamento e Encontro 03/2021**, 2021. Disponível em:

<<https://sites.google.com/prof.educacao.sp.gov.br/ncleopedaggico-conviva/psic%C3%B3logos-da-educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SÃO PAULO. Secretária de Educação do Estado de São Paulo. **Suspensão do Programa Psicólogos na Educação**, 2023. Disponível em:

<<https://atendimento.educacao.sp.gov.br/knowledgebase/article/SED-07404/pt-br>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **FAQ Psicólogos da Educação**. Disponível em:

<<https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/downloads/tutoriais/FAQ%20-%20PSICO%CC%81LOGOS%20DA%20EDUCAC%CC%A7A%CC%83O.pdf>>.

Acesso em: 16 fev. 2023.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 33. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

SENHORAS, E. M. Boletim de Conjuntura. **Coronavírus e Educação: Análise Dos Impactos Assimétricos**, 2020. Disponível em: <<https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/135/134>>. Acesso em: 15 out. 2022.

SILVA, A. B. B. **Mentes Perigosas nas Escolas *Bullying***. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2009.

TAILLE, Y. D. L.; VINHA, T. Nova Escola Youtube. **Como Combater a Indisciplina e as Incivilidades**, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n5J9qgLnTY8&list=PL1DFA4C0A3BDE6BA0>>. Acesso em: 06 ago. 2022.

TOGNETTA, L. Youtube. **O *Bullying* e a Saúde Mental dos Jovens**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QbJ_mpvGRvU>. Acesso em: 07 ago. 2022.

TREZZI, C. Dialogia, São Paulo. **A Educação Pós-Pandemia: Uma Análise a Partir da Desigualdade Educacional**, 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/18268-85752-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

VALENCIO, N. Comissão Permanente de Publicações da UFSCar. **Crise Multifacetada: Desafios e Modos de Enfrentamento**, 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/Arquivos/Downloads/Crise%20Multifacetada%20desafios%20e%20modos%20de%20enfrentamento.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2022.

VASCONCELLOS, C. D. S. **Disciplina: Construção Da Disciplina Consciente E Interativa**. São Paulo: Liberdade, 1998.

VAZQUEZ, D. A. et al. SCIELO. **Vida Sem Escola e a Saúde Mental dos Estudantes de Escolas Públicas Durante a Pandemia de Covid-19**, 2021. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2329/3958>>. Acesso em: 16 out. 2022.

VENTURA, A.; FANTE, C. ***Bullying* Intimidação no Ambiente Escolar e Virtual**. Belo Horizonte: Conexa Editora, 2011.

APÊNDICE

Questionário “Pesquisa Projeto Psicólogos na Educação”

- 1) Nome da escola:
- 2) Como você avalia o projeto Psicólogos na Educação em sua escola?
- 3) Você sentiu dificuldade em utilizar a plataforma do projeto (psicologia viva)?
- 4) Houve mudança na convivência do ambiente escolar? Se sim, quais?
- 5) O projeto alcançou os objetivos propostos?
- 6) Quais considerações você faria sobre o projeto quanto a abrangência e o aperfeiçoamento do projeto?
- 7) Quais foram os temas mais procurados na utilização do projeto? Qual foi a forma de utilização do projeto individual, em pequenos grupos ou coletiva? Qual dessas formas se mostrou mais eficaz? Por quê?

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) -----

-----, desenvolvido por -----
----- . Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é realizada por -----, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 16----- ou e-mail -----.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais constitui-se -----.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de -----
-----a partir da assinatura desta autorização.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou sua orientadora.

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

_____, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

Assinatura do(a) testemunha(a): _____